

© 1972, PRESSES UNIVERSITAIRES DE FRANCE
Título original: *Talcott Parsons et la Sociologie Américaine*

Capa:  DIA
design

FICHA CATALOGráfICA

(Preparada pelo Centro de Catalogação-na-fonte do SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ)

R58t
Rocher, Guy
Talcott Parsons e a sociologia americana; tradução de Olga Lopes da Cruz. Rio de Janeiro, F. Alves, 1976.
176p. ilust. 21cm(Ciências sociais)

Do original em francês: Talcott Parsons et la sociologie américaine.
Bibliografia

1. Estados Unidos — Condições sociais
2. Parsons, Talcott, 1902-
3. Sociologia I. Título II. Série

76-0527
CDD — 301.0973
CDU — 301(73)Parsons,Talcott

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

1976

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados à
LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.
Rua Barão de Lucena, 43
Botafogo ZC-02
20.000 Rio de Janeiro, RJ

Sumário

Introdução	9
Capítulo I — O “incurável teórico” da sociologia americana	11
1. Uma carreira exclusivamente universitária	12
2. Evolução da obra de Parsons	15
3. A sociologia americana entre as duas guerras	20
4. Oposição à sociologia americana	23
5. Os fundamentos epistemológicos da ciência sociológica	27
6. O problema dos valores em sociologia	31
NOTAS	33
Capítulo II — A teoria geral da ação	36
1. A noção de ação social	37
2. O sistema da ação social	39
3. Os modelos culturais, elementos estruturais do sistema de ação	41
4. As variáveis estruturais do sistema de ação	44
5. Os pré-requisitos funcionais do sistema de ação	47
6. Os subsistemas de ação	51

esclarecemos melhor o que Parsons trouxe de novo e explicamos por que foi e continua sendo alvo de numerosas críticas, exercendo ao mesmo tempo uma influência tão profunda que é freqüentemente considerado o mais típico representante da sociologia americana contemporânea. Fazemos questão de dizer, contudo, que a sociologia americana aqui apresentada foi necessariamente simplificada, pois oferece na verdade um panorama complexo e variado que seria ousado querer reduzir a uns poucos traços, como o fizemos. Enfim, para não tornar ainda mais difícil uma leitura que já o é bastante, limitamos ao essencial o número de notas.

Nossa intenção é tornar mais bem conhecida a obra de Parsons. Esperamos que ao resumi-la não a tenhamos traído, nem a tornado mais árida do que é.

NOTA

1. *Elements pour une Sociologie de l'Action*, Paris, Plon, 1955.

CAPÍTULO I

O "incurável teórico" da sociologia americana

Na dedicatória que faz à sua mulher do seu livro *The Social System*, Talcott Parsons apresenta-se como um "incurável teórico". É difícil definir melhor em duas palavras a sua carreira e o papel que desempenha há quarenta anos na sociologia americana. Se Talcott Parsons ocupa um lugar ao mesmo tempo eminente e singular entre os sociólogos americanos, é devido ao tipo de revolução teórica que realizou em uma sociologia até então dominada pelo empirismo e que perigava submergir nas areias movediças das pesquisas pormenorizadas e das monografias locais. Toda a sua obra tem um único e mesmo objetivo: elaborar um quadro conceitual e teórico destinado a conferir à sociologia o *status* de ciência autêntica, relacionando-a logicamente às outras ciências humanas. É esta intenção que dá às obras de Parsons uma unidade que, à primeira vista, não parecem ter. Que tenha surgido do seio do empirismo da sociologia americana o teórico mais abstrato da ciência social contemporânea, não é das menores e menos contraditórias surpresas. Neste aspecto, Parsons não é nem um protótipo, nem um reflexo da sociologia americana. Pelas exigências teóricas da sua construção, o nível de generalidade em que situa a sua pesquisa e a linguagem difícil que emprega, Parsons se contrapõe a quase toda a sociologia americana, com que incessantemente colide e se choca. Assim, sua obra encontrou nos meios sociológicos americanos numerosas oposições, críticas veementes e uma resistência persistente.

A sociologia de Parsons é, entretanto, estreitamente ligada à América e à sociologia americana. É a sociedade americana que serve principalmente a Parsons de objeto de reflexão e de laboratório de pesquisa, a ponto de não quererem certos críticos da sociologia parsoniana nela verem mais do que uma formulação pseudocientífica da ideologia americana. Além do mais, Parsons exerceu sua influência sobre várias gerações de sociólogos americanos, fez escola mais que qualquer um e, entre os que sofreram sua influência, encontram-se algumas das principais figuras da sociologia americana contemporânea, como Robert K. Merton, Robin Williams, Neil Smelser, Edward Shils, Robert Bellah e muitos outros.

A sociologia de Talcott Parsons se apresenta portanto como um "signo contraditório". Pertence à sociologia americana, mas nela, durante muito tempo, foi como um corpo estranho. Nela influuiu sobre o modo, sendo ao mesmo tempo objeto de inúmeras críticas. Pretende situar-se em nível altíssimo de abstração e de generalidade, mas é acusada de ser o reflexo da sociedade americana e sua ideologia.

Para compreender o que há de estranho, incomprensível e chocante para os Estados Unidos, na obra de Parsons, principalmente no momento em que apareceu, seria preciso voltar ao clima reinante na sociologia americana, no período entre as duas guerras. Será então possível avaliar o que de inovador e audacioso representa o pensamento de Parsons. Antes, porém, diremos quem é Parsons e indicaremos rapidamente as principais etapas de sua carreira e de sua obra¹.

1. UMA CARREIRA EXCLUSIVAMENTE UNIVERSITÁRIA

Talcott Parsons nasceu em 1902, em Colorado Springs, no Estado do Colorado. Seu pai era pastor na Igreja Congregacionista e participava ativamente dos movimentos protestantes de reforma social conhecidos como "Evangelho Social" (*Social Gospel*). Ensinava também inglês na Universidade do Colorado, de onde se tornou decano, sendo, por fim, nomeado presidente da Universidade Marietta em Ohio. O jovem Parsons cresceu, portanto, na atmosfera protestante, de tradição puritana e reformista do meio-oeste americano do primeiro quartel do século. Ao mesmo tempo, sofreu a influência do clima intelectual de austeridade serena e comprometimento social das pequenas universidades americanas da época.

De 1920 a 1924, frequentou a Universidade de Amherst, onde se dedicou a princípio à biologia e à filosofia, com a intenção de voltar-se quer para as ciências naturais, quer para a medicina, como seu irmão

mais velho. Foi lá, no terceiro ano de Amherst, que se revelou seu interesse pelas ciências sociais, resolvendo-se afinal pelos estudos superiores em sociologia. O próprio Parsons reconhece que o reformismo social de seu pai não foi estranho à sua reorientação: o clima familiar levou-o a sentir-se atraído pelos trabalhos dos economistas conhecidos como "institucionalistas", que tentavam romper os quadros por demais estreitos da economia clássica, para estudar os fenômenos econômicos no seu aspecto institucional e nas suas relações com as outras estruturas da sociedade. O vínculo que por longo tempo uniu a sociologia americana ao reformismo social protestante se evidenciava aí mais uma vez, já que se encontra na própria origem da vocação sociológica de Talcott Parsons.

Entretanto, Parsons não sentia atrativo algum pelos programas de estudos por demais empíricos que as universidades americanas ofereciam em sociologia. Sentindo-se mais inclinado para as universidades européias, aproveitou a ajuda financeira de um tio para permanecer, depois de obtido o seu bacharelado, um ano na London School of Economics. Aí conheceu os sociólogos Hobhouse e Ginsberg, o historiador Tawney, o cientista político e economista Laski e principalmente o antropólogo Malmowski, que viria a exercer nele uma influência marcante. Depois de um ano em Londres, recebeu uma bolsa para estudar na Universidade de Heidelberg (1925-1926), para onde foi com o único propósito de beneficiar-se do clima intelectual de uma dessas universidades alemãs cuja reputação e influência eram então muito grandes nos círculos universitários americanos. Aí devia firmar-se sua vocação pela ciência social sob a influência decisiva de um homem cujo prestígio não parava de crescer na Alemanha: Max Weber, já falecido havia cinco anos, quando Parsons chegou a Heidelberg. Mas a sua presença ainda era bem viva. Sua viúva Marianna Weber para isso contribuía, recebendo todos os domingos à tarde no "salão", que o jovem Parsons frequentava. Na obra de Max Weber, Parsons encontrou, ao mesmo tempo, os elementos de um quadro analítico que lhe parecia inexistente na sociologia, uma interpretação do papel histórico do protestantismo em comparação com os das outras grandes religiões e uma explicação do capitalismo contemporâneo do qual os Estados Unidos se tinham tornado uma espécie de arquétipo.

Na Universidade de Amherst, os economistas "institucionalistas" tinham chamado a atenção de Parsons para a complexidade das relações entre as estruturas econômicas e as sociais e políticas. A leitura de Max Weber, onde encontrou a mesma problemática, estendida porém a perspectivas históricas muito mais amplas, reavivou seu interesse pelo estudo das instituições econômicas. Como tinha de escrever uma tese para seu doutorado na Universidade de Heidelberg, Parsons escolheu fazer uma análise comparada da noção de capitalismo enquanto instituição sócio-econômica nas obras de Karl Marx, Werner Sombart e Max Weber. A tese

nunca foi publicada, mas Parsons a partir dela escreveu seu primeiro artigo, que apareceu no *Journal of Political Economy*².

De volta aos Estados Unidos, Parsons primeiro esteve um ano na Universidade Amherst como assistente (*instructor*) em economia. Em 1927 entra para a Universidade de Harvard, onde se desenvolveria toda a sua carreira de ensino e pesquisa. Ao contrário dos universitários americanos, cuja maioria muda facilmente de uma universidade para outra, Parsons deu mostra de singular permanência em Harvard. No entanto, sua estória aí não foi encorajadora: precisou esperar alguns anos antes de obter o *status* de professor e alcançar a estabilidade.

Começa em Harvard como assistente (*instructor*) no departamento de ciência econômica, posto que ocupou de 1927 a 1931. Como ele mesmo explica, seu doutorado em Heidelberg, diferindo dos diplomas americanos, não se especializava apenas em uma das disciplinas das ciências sociais, o que lhe facultava lecionar tanto economia como sociologia. Foi durante esse período que Parsons traduziu para o inglês *A Ética Proterante e o Espírito do Capitalismo*, de Max Weber; aproveitou também essa temporada junto aos economistas para aprimorar seus conhecimentos, sob a direção de mestres como F. W. Taussig, T. N. Carver, Edwin F. Gay e Joseph Schumpeter.

Em 1931, Parsons passa para o departamento de sociologia, recém-criado e dirigido por Pitirim Sorokin. Continua sendo simples *instructor*, o que o mantém ainda nos mais baixos escalões da hierarquia acadêmica de Harvard. Somente em 1936 é que foi nomeado professor-assistente e, em 1939 — isto é, dois anos depois da publicação de seu importante trabalho *The Structure of Social Action* —, obteve o *status* de professor permanente.

A carreira universitária de Parsons quase não foi afetada pela guerra, ao contrário da de muitos professores de Harvard e de outras universidades americanas, convocados para servir no exército ou no governo. Foi convidado apenas pelas autoridades governamentais como professor ou como consultor temporário e principalmente chamado a opinar sobre a política a ser seguida pelos Estados Unidos para com a Alemanha do pós-guerra.

Em 1944, Parsons cogita seriamente em deixar a Universidade de Harvard. Foi em grande parte para retê-lo que lhe ofereceram a direção do departamento de sociologia. Nessa nova função, Parsons encontra-se em meio a uma importante reorganização do ensino das ciências sociais. Em colaboração com o psicólogo social Gordon Allport, o psicanalista Henry Murray, o antropólogo Clyde Kluckhohn, os sociólogos George Homans e Samuel Stouffer, cria o departamento de relações sociais (Department of Social Relations), cuja finalidade é reagrupar e integrar o ensino das ciências humanas numa mesma estrutura multidisciplinar³. O novo departamento de relações sociais foi criado em 1946 e sua direção foi assumida por Parsons até 1956. Interessa ressaltar aqui o seu esforço

para realizar nas instituições universitárias a unificação das ciências humanas, o que foi, como se verá, a base de toda a sua pesquisa teórica. Há aí uma correspondência entre seus interesses teóricos e sua atividade como professor e administrador que nunca foi bastante focalizada.

Parsons acrescenta às suas funções universitárias, já bem pesadas, várias outras fora da Universidade. Primeiro é eleito presidente da Sociedade dos Sociólogos do Leste dos Estados Unidos (Eastern Sociological Society) para o ano de 1942. Em 1949, é eleito presidente da Associação Americana de Sociologia (American Sociological Association) numa época em que se encontrava em plena expansão e exigia que seu presidente lhe dedicasse muito de seu tempo. Posteriormente Parsons permaneceu sempre em atividade em diferentes funções na Associação Americana de Sociologia. Foi, em particular, o primeiro diretor da *The American Sociologists*, órgão da Associação, cujo objetivo é analisar e discutir a evolução da sociologia, tanto como disciplina quanto como profissão.

Exerceu também atividades na Associação Americana de Professores Universitários e principalmente na Academia Americana de Artes e Ciências, sendo o primeiro professor de ciências sociais a assumir sua presidência em 1967. Com o patrocínio desta Academia é que se publica a revista *Daedalus*, a qual trata sobretudo da análise da ciência contemporânea e, igualmente, das instituições de ensino superior e pesquisa. Parsons redigiu vários artigos de importância para esta revista.

Assinalemos, enfim, que Parsons foi um dos primeiros sociólogos americanos a tomar conhecimento da sociologia soviética. Na verdade, foi o primeiro a dar na URSS uma série de aulas sobre a sociologia americana em 1964, a convite da Academia de Ciências Soviética⁴.

2. EVOLUÇÃO DA OBRA DE PARSONS

Uma carreira universitária tão intensa não impediu, no entanto, que Parsons tivesse uma produção intelectual abundante. Pode-se dizer que toda sua vida foi consagrada à sua obra, obra cujas grandes linhas traçaremos antes de empreender seu estudo mais detalhado nos capítulos subsequentes.

Sem simplificar por demais, podem-se distinguir três etapas principais na evolução do pensamento de Parsons e da sua obra. A primeira é aquela em que Parsons pensa perceber os grandes temas do que ele chama uma teoria da ação social, em alguns dos principais precursors da sociologia contemporânea, notadamente Weber, Pareto e Durkheim. Numa se-

gunda etapa, Parsons trata de sistematizar a teoria da ação social, de arrolar seus fundamentos lógicos e científicos e de lhe atribuir uma universalidade maior de modo a convertê-la numa teoria geral de ação humana. No terceiro período, Parsons tenta aplicar sua teoria geral da ação aos diferentes campos de conhecimento das ciências humanas: economia, psicologia, ciência política. Foi assim levado a corrigir, e principalmente a complementar, sua teoria geral para, enfim, dar-lhe uma expressão evolucionista através da qual ele se reencontra, de modo bastante imprevisto, com as grandes formulações de Comte, de Spencer e de Sorokin.

Vejamos agora mais detalhadamente a que corresponde cada uma dessas etapas. A primeira teve o seu desfecho no volume *The Structure of Social Action* (1937), em que Parsons trabalhou durante vários anos. É evidente que o delineamento desse trabalho concretizou-se progressivamente para seu autor. Pode-se dizer que nele começou a trabalhar em Heidelberg, quando descobriu e estudou a obra de Max Weber. Foi então que pela primeira vez se inteirou da noção de ação social, como a emprega Weber, e que percebeu que essa noção poderia conter o elo teórico suscetível de reunir a economia à sociologia.

Depois, em Harvard, Parsons passou ao estudo do economista inglês Alfred Marshall, com o fim de encontrar as bases psicológicas e sociológicas sobre as quais o principal teórico da economia clássica tinha fundado sua concepção das motivações da ação humana e do mecanismo da atividade econômica. Foi levado a focalizar as insuficiências de uma psicologia e de uma sociologia que recorrem por demais simplesmente à ideologia utilitarista e liberal¹⁵.

Parsons procurou em seguida encontrar em Pareto e Durkheim o que podia corrigir e completar o modelo de comportamento econômico de Marshall. Influenciado por Lawrence Henderson, professor de fisiologia de Harvard, que se tornara o principal intérprete americano de Vilfredo Pareto¹⁶, Parsons tomou conhecimento da obra do economista e sociólogo italiano. Ao contrário de Marshall, Pareto elaborou uma análise detalhada da ação não racional que os economistas clássicos não aceitavam em seu universo de discurso. Parsons considerou-a como uma importante contribuição à teoria da ação humana. E é, ainda, em Pareto e Henderson que Parsons aprendeu a considerar a ação humana, tanto a não racional como a racional, através de um sistema e que se convenceu de que por ele deve passar toda análise verdadeiramente científica¹⁷.

Quanto a Durkheim, Parsons teve inicialmente que, segundo ele mesmo afirma, “desaprender muitas coisas falsas” que lhe tinham ensinado a seu respeito na Universidade de Amherst e, principalmente, em Londres¹⁸. Nos meios sociológicos de língua inglesa Durkheim passava por ter inventado e hipostasiado uma espécie de “espírito coletivo” (assim se traduzia em inglês a noção de consciência coletiva) para dar vida à sociedade. Era o que em geral chamavam de “falácia do espírito coletivo”

(*group mind fallacy*) de Durkheim, considerado um perigoso nominalista. Para grande espanto seu, Parsons descobriu um Durkheim inteiramente novo. A noção de consciência coletiva, longe de ser o que tinham dito, aparecia antes como a chave da explicação psicossociológica do comportamento moral e da ação social normativa. Na ordem econômica o papel que Durkheim atribuía ao contrato parecia projetar uma nova luz sobre o funcionamento das instituições econômicas modernas. Foi enfim em Durkheim que Parsons vislumbrou o jogo contrário e complementar das forças de solidariedade e desorganização social, de diferenciação e de integração¹⁹.

Foi assim que Talcott Parsons redigiu seu primeiro grande trabalho *The Structure of Social Action*, que apareceu em 1937 e que devia rapidamente consagrar sua reputação como teórico. Neste alentado estudo, Parsons reagrupou as análises de Marshall, Weber, Pareto e Durkheim, perseguindo concorrentemente três objetivos bastante diferentes. Tentava primeiro fazer o confronto das explicações dadas por cada um deles, sobre o capitalismo moderno, suas origens e sua evolução. Continuava assim a pesquisa abordada em sua tese de doutorado. Ressaltava, no entanto, uma diferença importante. Na sua tese partia da análise marxista do capitalismo, para depois compará-la às de Sombart e de Weber. Em 1937, o lugar de Karl Marx em seu trabalho é muito mais discreto e até secundário.

Num nível de generalidade mais elevado, o segundo objetivo desse livro era o de comparar a maneira pela qual Pareto, Weber e Durkheim resolvem o problema das relações entre o econômico e o social com a solução adotada por Marshall, bem como fazer a comparação das soluções propostas por Pareto, Weber e Durkheim. Esta segunda intenção não independe da primeira, segundo Parsons, para quem o capitalismo deve ser analisado e explicado como instituição econômica, vale dizer como estrutura de propriedade e de produção estreitamente dependente das estruturas sociais, dos valores, atitudes e comportamentos não econômicos. Parsons considera a explicação exclusivamente econômica do capitalismo e das estruturas econômicas em geral como insuficiente sem a contribuição da explicação sociológica. Convicção esta que Parsons exprimiu com força nos primeiros artigos que publicou entre 1928 e 1937. Em *The Structure of Social Action*, continua a refletir sobre esta questão, interrogando, a respeito, os autores com quem estuda e com quem discute. Veremos que o estudo desse problema será um dos eixos centrais da pesquisa teórica de Parsons e um dos elementos da unidade de sua obra.

Enfim, o terceiro objetivo, o mais aparente e explícito, era salientar uma “convergência” implícita no pensamento desses quatro autores para aquilo que Parsons chamava “teoria voluntarista da ação”. Contra o positivismo, esses autores, segundo Parsons, afirmavam, por um lado e cada um à sua maneira, o papel da “subjetividade” na ação humana, quer dizer, os fins que a pessoa se atribui e procura, os motivos que a conduzem e

os valores que respeita e que a inspiram. Por outro lado, esses quatro autores ultrapassam assim a análise exclusivamente utilitarista, mostrando mais uma vez, cada um a seu modo, que a consecução do interesse pessoal não é o motivo único, nem mesmo o motivo dominante da ação humana. O homem formula e impõe a si mesmo normas e valores objetivos, a partir dos quais estabelece suas regras de vida e de comportamento. Assim o velho problema da racionalidade da ação humana e da relação entre os meios e os fins — que constituía o núcleo da explicação utilitarista — passa a ser exposto em termos novos que parecem a Parsons muito mais promissores.

The Structure of Social Action é talvez a mais citada das obras de Parsons, sem dúvida devido à amplitude e à riqueza da análise da evolução do pensamento social ocidental que contém. Para muitos, esta obra é a obra capital de Parsons, sua mais válida contribuição, senão a mais original, à teoria sociológica. Mas para Parsons era apenas um ponto de partida, sem dúvida muito importante, porém inacabado. Pois ao terminar este trabalho, Parsons impunha-se a tarefa de elaborar essa "teoria da ação" cujos elementos ele divisara nos escritos de seus predecessores. Propunha-se como objetivo explorar as inúmeras avenidas que tinham aberto, ou apenas indicado, e construir o edifício de que tinham lançado as bases.

Foi depois da publicação de *The Structure of Social Action* que se iniciou o segundo período da obra de Parsons. Vai ele procurar resolver os problemas teóricos que formulou e tentar esclarecer e pôr à prova as intuições que teve. É assim levado a publicar, durante muitos anos, uma série de ensaios sobre vários assuntos: a organização familiar, a religião, o trabalho profissional, a estratificação social, os movimentos políticos, a motivação econômica. De passagem, ressaltamos um caráter marcante da obra de Parsons, ao qual teremos de voltar: é a importância dos ensaios empíricos e dos estudos de problemas específicos na evolução do pensamento deste teórico. Disso resulta não se apresentar a obra teórica de Parsons sob a forma de tratado, mas de um modo descontínuo através de grande número de artigos, abrangendo tanto análises empíricas quanto discussões teóricas.

No período que vai de 1937 a 1950 mais ou menos, Parsons publicou uns trinta artigos onde o vemos procurar, explorando diferentes linhas, as tendências da teoria geral de que entrevira os elementos, mas que ainda precisava sistematizar. Finalmente, é nos primórdios dos anos 50 que tais pesquisas vão florescer. Em 1951 e 1953, Parsons publica três volumes que marcam uma reviravolta em sua obra, pois é então que ele apresenta de maneira definitiva os elementos fundamentais de sua teoria geral da ação. Essas três obras, *Toward a General Theory of Action* (em colaboração com Edward A. Shils, Clyde Kluckhohn e outros) (1951), *The Social System* (1951) e *Working Papers in the Theory of Action* (em

colaboração com Robert F. Bales e Edward A. Shils) (1953), devem ser lidas em conjunto, pois se completam mutuamente.

Basta aqui resumir ligeiramente os principais pontos dessa etapa, dizendo desde já que Parsons se dá conta das aumentadas dimensões da teoria geral da ação; deve ela ser bastante abstrata e geral para se aplicar a todas as formas da ação humana, não apenas à ação econômica ou propriamente social. Em segundo lugar, Parsons estabelece de um modo mais detalhado o modelo do sistema de ação; de estrutural-funcional sua abordagem torna-se sistêmica. Em outras palavras o funcionalismo parece ser para Parsons apenas a linguagem de uma metodologia mais ampla, a metodologia do modelo sistêmico. Em terceiro lugar, Parsons fundamenta sua análise sistêmica de ação sobre a base das "variáveis estruturais" (*pattern variables*) e das quatro dimensões funcionais de todo o sistema de ação. Voltaremos nos capítulos subsequentes a cada um desses pontos.

Já que a sociologia aparece a Parsons como uma teoria particular no quadro da teoria geral da ação, restava-lhe demonstrar que a teoria geral também pode aplicar-se a outros setores da ação humana. Será esse o tema principal da terceira etapa dos trabalhos de Parsons, que o levará a continuar suas pesquisas fora da sociologia. Em 1956, em colaboração com Neil Smelser, Parsons aplica seu modelo à análise do sistema econômico em *Economy and Society*. É assim levado a lançar as bases do que ele vê como uma nova sociologia econômica e, principalmente, a acrescentar importantes elementos a seu corpo conceitual. De seus primeiros estudos econômicos, Parsons mantém a convicção de que os progressos dessa ciência, na formulação da sua problemática e de seu quadro analítico, nos autorizam a acreditar que se possam nela encontrar modalidades de análise aplicáveis a quaisquer outras formas de ação social. Veremos, em particular, que é sobre o modelo facultado pela análise econômica que Parsons desenvolve seu esquema de interação entre os sistemas e subsistemas e dos meios de troca que garantem essa interação.

Ao mesmo tempo em que prossegue seus estudos econômicos, Parsons procede da mesma maneira em outros setores da ação social, principalmente na psicologia e ciência política. No princípio dos anos 40, Parsons se interessa pela psicanálise; lê Freud a fundo e faz uma análise didática. Mesmo não sendo médico, é admitido como candidato excepcional ao Instituto Psicanalítico de Boston. A influência de Freud torna-se então predominante na evolução do pensamento de Parsons. Particularmente, Parsons procura ligar a teoria psicanalítica de Freud à teoria geral da ação que procurava desenvolver. É a esse trabalho que se dedica na série de artigos sobre a estrutura da personalidade, a aprendizagem, a socialização, a educação, a relação entre a personalidade e os meios sociais. A maioria deles foram reunidos em *Family, Socialization and Interaction Process* (1955) e em *Social Structure and Personality* (1964).

Parsons já se havia dedicado à ciência política, assim como à economia desde o início de seus estudos, inspirado principalmente por Max Weber. Volta ao aspecto político de modo intensivo depois de 1960. Antes disso, pode-se dizer que apenas tentara explicar certos fenômenos políticos que o perturbavam, como o nazismo, o fascismo, o macarthismo, a propaganda política. Depois de 1960, procura integrar a ciência política na sua teoria geral da ação. Para tal, toma o modelo desenvolvido em *Economy and Society* e aplica-o analogicamente à estrutura política, como veremos com mais detalhes. Esparsa através de grande número de artigos em período de mais de trinta anos, sua sociologia política constitui finalmente um imponente modelo, cuja evolução e principais elementos se encontram em *Politics and Social Structure* (1969).

Acrescente-se, enfim, para completar o quadro, que Parsons quis, de certo modo, fechar o círculo de sua obra formulando a interpretação da evolução geral de sociedades e civilizações. Voltando a um evolucionismo fortemente inspirado pelo do século XIX e, em particular, pelo de Herbert Spencer, Parsons tentou, por sua vez, definir as etapas sucessivas pelas quais teriam passado os diferentes tipos de sociedade. É o que encontramos no pequeno livro *Societies: Evolutionary and Comparative Perspectives* (1966), completado posteriormente por outro trabalho sobre as sociedades modernas, *The System of Modern Societies* (1971).

Este rápido apanhado é apenas uma visão sucinta do conjunto da obra de Parsons. Será preciso voltar novamente a esses diferentes trabalhos para compreender as intenções do autor, a teoria que elaborou e as muitas linhas de pesquisa que explorou. Mas antes faz-se necessário situar mais aprofundadamente seus trabalhos no quadro da sociologia americana.

3. A SOCIOLOGIA AMERICANA ENTRE AS DUAS GUERRAS

Desde os seus primeiros artigos e mais ainda em *The Structure of Social Action*, a personalidade intelectual de Parsons se destaca do panorama sociológico americano da época. Em muitos pontos rompe com a tradição sociológica de seu país, descortina novos horizontes e delineia uma teoria que será original e discutida.

Para se apreciar a obra de Parsons, é preciso pois situá-la no contexto da sociologia americana no período entre as duas guerras. Consideremos primeiro alguns de seus traços principais para, em seguida, ver melhor como a obra de Parsons contrasta com este quadro.

O caráter predominante da sociologia americana dessa época é seu empirismo. Não um empirismo teórico ou radical, mas empirismo de fato, praticado com um fervor e um entusiasmo que tornavam a dúvida quase impossível. Havia a favor da pesquisa empírica uma predisposição muito favorável, constituída por uma "veneração" pelos fatos que não tinham sido nem falseados nem camuflados por um quadro teórico ou conceitual preconcebido. A teoria era muitas vezes assimilada à filosofia, a uma doutrina social ou ao que era chamado com desprezo "a metafísica" e apresentava-se como a estranha antítese da pesquisa científica.

Os trabalhos empíricos da sociologia americana da época pertencem principalmente a dois tipos de pesquisa: os que se atribuem à "escola de Chicago" e a série das grandes monografias urbanas.

Desde o início do século XX, a Universidade de Chicago era o mais dinâmico centro dos estudos sociológicos. A importância que aí se dava à pesquisa e o caráter fortemente empírico que a esta era imposto tornaram possível afirmar que professores, estudantes e discípulos desta universidade formavam uma verdadeira escola sociológica. Tratava-se de uma escola realmente muito livre, já que nela não havia propriamente nem teoria nem doutrina comum. O que unia os membros da escola sociológica de Chicago, ou pelo menos permitia identificá-los, era em primeiro lugar sua confiança na pesquisa sociológica e seu desejo de aplicar métodos cada vez mais rigorosos a um número cada vez maior de assuntos. Era também porque o meio urbano era seu laboratório preferido. Incentivadas principalmente por Park e Burgess, cujos nomes são identificados ao mesmo tempo com a Escola de Chicago e com a sociologia urbana americana¹⁰, essas pesquisas foram feitas não somente nas grandes cidades americanas, notoriamente em Chicago, mas também, muitas vezes, em cidades pequenas e médias. E, nos meios urbanos, eram sobretudo os aspectos conflituais e patológicos que prendiam a atenção dos pesquisadores. O problema das relações étnicas e sociais foi abundantemente tratado durante os anos 1920 e 1930 por pesquisadores como Park, Thomas, Wirth, Frazier, Hugues¹¹. Os fenômenos de desorganização social propriamente ditos são também objeto de importantes estudos: lembremos particularmente os de Sutherland sobre a criminalidade da classe média, os de Faris e Dunham sobre as doenças mentais, os de Shaw e McKay sobre a delinquência juvenil¹².

É também à escola de Chicago que se deve a introdução de técnicas de pesquisa mais sofisticadas. A princípio, Park e Burgess tratavam mais os métodos etnológicos segundo W. I. Thomas. Em seguida, Ogburn desenvolveu métodos quantitativos e é por sua causa que o departamento de sociologia de Chicago tornou-se o mais avançado neste setor.

Quanto às grandes monografias que constituem o segundo tipo de pesquisa empírica, marcaram elas profundamente a sociologia americana da época, até mesmo aos nossos dias, e consumiram grande parte dos

esforços dos pesquisadores. A mais considerável dessas monografias e que continua sendo a mais celebrada é a que W. L. Warner dirigiu numa pequena cidade costeira da Nova Inglaterra. Começada em 1930, continuou por vários anos e compreende 5 volumes¹³. Vários outros estudos merecem menção, principalmente os de Robert e Helen Lynd¹⁴ sobre uma cidade mediana do centro dos Estados Unidos, o de A. Davis, Burleigh e Mary Gardner¹⁵, sobre uma cidade sulina, o de James West¹⁶ sobre uma do centro-oeste, e o de William Foote Whyte¹⁷ sobre um bairro italiano de Boston.

Nas suas monografias os pesquisadores americanos não admitiam ser possível a apresentação de toda a vida americana através de uma única cidade típica. No entanto, a consideração destas monografias como representativas da vida americana parecia tentá-los, principalmente devido à falta de estudos mais globais. Daí o sucesso e a importância que essas monografias alcançaram. A maior contribuição que trouxeram à sociologia americana consiste, talvez, no fato de evidenciarem a existência de classes sociais mais estanques de que acreditavam habitualmente os americanos dessa época, e até de um regime de castas separando Pretos e Brancos no sul dos Estados Unidos.

É provável que sob a influência desses estudos empíricos restritos e feitos em profundidade, os sociólogos americanos se tenham por longo tempo recusado a escrever e falar da sociedade americana em seu conjunto e muito menos da sociedade ocidental. Formados dentro do espírito do empirismo e dos estudos monográficos, tinha considerável desconfiança em relação a qualquer generalização. Consideravam com facilidade que além das realidades imediatamente observadas, o que o sociólogo podia afirmar vinha do que chamavam pejorativamente "o impressionismo", o que não traria outro resultado senão enganar o leitor e diminuir a ciência sociológica. Assim, por escrupuloso rigor e para não trair seus métodos de trabalho, os sociólogos americanos consentiam em ter apenas visões parciais sobre a sociedade.

Em verdade, foi para um setor paralelo à sociologia que os sociólogos americanos trouxeram uma contribuição teórica positiva: a psicologia social. Como o próprio Parsons observou, "ao menos até meados deste século, a psicologia social associada ao conceito de interação simbólica foi provavelmente a mais importante contribuição americana à teoria sociológica"¹⁸. Esta escola foi sobretudo ilustrada por W. I. Thomas, Charles H. Cooley e George Mead¹⁹. A contribuição destes três teóricos versa principalmente sobre a análise das relações interpessoais, a percepção de si mesmo e dos outros que resulta dessas relações e que, ao mesmo tempo, as condiciona e, de modo mais amplo, sobre a influência do meio social imediato no desenvolvimento de personalidade individual. Assim, paralelamente a uma sociologia empírica que não resultava em nenhum quadro teórico, a psicologia social se beneficiava, ao mesmo tempo, do

progresso da psicologia individual da época e do clima protestante que reinava nos Estados Unidos, favorecendo mais a percepção individualista do fenômeno social do que a percepção coletivista.

Nessa perspectiva não é de espantar que os sociólogos americanos da época se tenham inspirado mais em Gabriel Tarde que em Emile Durkheim. Tinhamos anteriormente assinalado os preconceitos que reinavam então nos Estados Unidos a respeito de Durkheim. Por outro lado, preferiam Gabriel Tarde, sua psicologia coletiva, suas análises da imitação, sua teoria da sociedade definida como um conjunto de relações interpessoais entre indivíduos e grupos que se interinfluenciam. Quanto à sociologia alemã, foi George Simmel quem mais influuiu sobre a escola de Chicago e, de modo mais geral, sobre a sociologia americana do início do século. A partir de 1896, principalmente sob os auspícios de Albion W. Small, um dos pioneiros da sociologia americana, foram publicados regularmente artigos de Simmel no *American Journal of Sociology*²⁰. Foi sobretudo depois de Simmel que se formou a tradição americana do estudo dos pequenos grupos, da interação entre duas ou várias pessoas e sobre os fundamentos teóricos da interação.

Um outro traço da sociologia americana da época que se pode também relacionar com o empirismo é a ausência quase completa de interesse pela história da sociologia e das idéias sociais. Confiava-se de preferência nas pesquisas empíricas que traziam um conhecimento um pouco mais preciso dos setores específicos da sociedade. Tudo mais era considerado como uma espécie de cultura supérflua da qual todo o ensino americano da época desconfiava. Preferiam que o estudante de sociologia antes lesse e absorvesse as monografias de publicação recente, do que os escritos dos precursores (Comte, Marx, Spencer, Durkheim) considerados mais como filósofos do que como cientistas, vale dizer, mais perigosamente dogmáticos que elucidativos.

4. OPOSIÇÃO À SOCIOLOGIA AMERICANA

Tais são, excessivamente resumidos, sem dúvida, alguns dos traços principais que caracterizam o clima intelectual da sociologia americana de entre as duas guerras. Parsons, muito mais voltado para a abstração do que para a pesquisa empírica, interessando-se apaixonadamente pela história das idéias e das doutrinas, devia, bem cedo, destacar-se entre seus colegas sociólogos. O primeiro indício pelo qual manifestou sua originalidade desde suas primeiras publicações reside no fato de se ter inspirado

exclusivamente nos pensadores europeus, pouco ou mal conhecidos nos Estados Unidos. Foi ele principalmente quem divulgou entre os americanos o pensamento de Max Weber, de quem foi o primeiro tradutor e comentarista em inglês. Também foi ele quem mais contribuiu para a reabilitação de Durkheim nos Estados Unidos. Ao contrário da maioria dos sociólogos americanos da década de 1930, Parsons viu em Durkheim não um filósofo ou um ideólogo mas um autêntico homem de ciência, talvez o mais genial precursor da sociologia moderna. Apresentou e analisou a obra de Vilfredo Pareto com uma clareza e uma maestria que ainda não foram igualadas²¹. Em suas pesquisas econômicas, Parsons recorre ao economista inglês H. Marshall, que considera o principal teórico da ciência econômica contemporânea, sendo, ao mesmo tempo, aquele cuja obra mais se presta a uma discussão sociológica. Quanto a Marx e aos socialistas, é difícil dizer com precisão o que deles conhecia Parsons, mas é evidente que conhecia bastante uma parte da obra de Marx, já que a ela se refere muitas vezes em seus primeiros artigos e em *The Structure of Social Action*. Hoje em dia, se avalia mal quanto heterodoxo poderia ser um sociólogo americano da década de 1930 que tivesse lido Marx e o discutisse.

Os outros autores a que Parsons se refere na fase inicial de sua obra são Tönnies, Simmel, Mauss, Halbwachs, Piaget, Malthus, Malinowski. Durante muito tempo não o perdoaram por não ter feito referência a qualquer sociólogo americano em *The Structure of Social Action*. Foi apenas depois desta obra que ele começou a mencionar Cooley, Thomas, Mead como tendo contribuído para a sociologia contemporânea, e que se interessou cada vez mais pelos seus trabalhos. Mas os nomes desses três autores nem mesmo no índice onomástico de *The Structure of Social Action* aparecem.

A primeira imagem que Parsons deu de si mesmo é, portanto, a de um sociólogo cujas fontes intelectuais eram exclusivamente européias. Essas influências européias não eram apenas alemãs, o que acontecia com muitos intelectuais americanos de sua época, mas também francesas, inglesas e italianas. É que, de início, Parsons se situa logo nas grandes correntes do pensamento social dos dois últimos séculos. De preferência aos primeiros sociólogos ou aos precusores da sociologia, Parsons filiava-se principalmente ao pensamento tradicional dos filósofos ingleses: Hobbes, Locke, Mills, aos quais contrapunha, por um lado, a corrente idealista e historicista alemã que tinha estudado através de Hegel, Dilthey, Sombart, Weber e, por outro lado, o positivismo de Comte, Marx e Spencer. A influência de Hobbes e dos filósofos ingleses foi muitíssimo grande sobre seu pensamento. É com base neles e segundo seus termos que examina os problemas da permanência da sociedade, dos fundamentos da vida coletiva, das estruturas elementares da ação humana, das motivações que servem de apoio à solidariedade, à integração e à evolução das sociedades.

São, sem dúvida, estas preocupações intelectuais, que se encontram na origem do antiempirismo, que contribuíram, mais que qualquer outra coisa, para distinguir Parsons dos outros sociólogos americanos da época. Pode-se dizer de Parsons que ele é inteiramente antiempirista quanto ao plano metodológico. Não que ele despreze a pesquisa empírica em si: respeita os trabalhos de seus colegas, a sofisticação de seus métodos, a preocupação e o rigor das técnicas empregadas. Sendo pouco versado em métodos de pesquisa, o que ele mesmo confessa, nunca foi visto, no entanto, criticando ou desprezando os que prestam às técnicas de pesquisa uma atenção e um cuidado que muitos outros censuraram. Parsons, pelo contrário, fez questão de várias vezes render-lhes homenagem, tendo-se servido da pesquisa empírica em diferentes ocasiões em sua carreira.

Sua crítica é outra. Parsons acredita que a ciência não se satisfaz somente com a pesquisa empírica; ela precisa ser enquadrada por um pensamento teórico que forneça as intuições, as hipóteses, as relações lógicas, as interpretações explicativas e, finalmente, os fundamentos da previsão científica. Por várias vezes Parsons se insurgiu contra uma concepção de ciência que vê nos "fatos brutos" acumulados pelo pesquisador uma transposição exata da realidade. Mostra com razão que o que se chama um fato já é uma reconstrução da realidade realizada através de imagens conscientes ou inconscientes, conceitos ou teorias. A obra do teórico consiste em explicitar o aparato conceitual que emprega o observador na percepção ou na coleta dos fatos e em lhe dar uma formulação estritamente lógica, de modo a fornecer-lhe um alcance cada vez mais universal.

Aos olhos de Parsons, a ciência econômica é, de todas as ciências sociais, a mais avançada do ponto de vista teórico. Porque soube reduzir as margens da incerteza no comportamento humano, concentrando-se sobre os comportamentos racionais em um campo determinado de atividades, a ciência econômica pôde elaborar modelos lógicos baseados ao mesmo tempo sobre a dedução e a indução, sobre a observação dos fatos e a análise lógica. Por isso é que Parsons tem o maior respeito pela ciência econômica, convencido de que pode fornecer à sociologia elementos exemplares de análise. De fato, começa sua carreira a partir da ciência econômica e a ela volta vinte e cinco anos mais tarde, para nela se inspirar definitivamente.

O interesse que demonstra pela teoria econômica é um outro traço que o isola e o singulariza no seio da sociologia americana. Os sociólogos americanos, em geral, têm manifestado uma indiferença espantosa para com a ciência econômica, a qual ignoram na maioria dos casos, enquanto têm, com frequência, um conhecimento profundo da psicologia e principalmente da psicanálise. Interessando-se tardamente por esta última, Parsons conservou pela economia um interesse pouco comum nos sociólogos americanos.

Não se terá, no entanto, mais que uma visão parcial da obra de Parsons se se levarem em conta apenas seus trabalhos teóricos. Podem-lhe também ser creditadas inúmeras análises empíricas. Embora se declare um teórico inveterado, recusa-se a ser considerado apenas como um teórico: salienta várias vezes que, na sua obra, há toda uma parte empírica que lhe é essencial. Mas a maior parte do que ele chama suas análises empíricas apresenta-se de maneira tão singular que, ainda aí, Parsons rompe com a sociologia americana de sua época. Vemos, na realidade, três tipos de pesquisas empíricas das quais tratou. Primeiro, ao contrário do que se diz dele muitas vezes, fez pesquisas empíricas utilizando os instrumentos habituais das pesquisas sociológicas: entrevistas, questionários, observação participante, análise dos dados quantificados. Citemos, em particular, um estudo da carreira médica, outro das aspirações da juventude americana e outro do meio universitário. Não foi, entretanto, através desse tipo de pesquisa empírica que Parsons se singularizou e sim pelos dois outros.

Em um segundo gênero de análises, que seriam mais propriamente ensaios que pesquisas, Parsons tentou refletir sobre certos grandes problemas da sociedade contemporânea. Seu interesse pelas estruturas, a evolução e as crises da sociedade industrial moderna nunca arrefeceu e o levou a explorar grande quantidade de assuntos diferentes. Assim, não foi por coincidência que o ponto de partida de seus trabalhos se prendeu a uma série de indagações sobre o capitalismo. Dissemos que quando Parsons dedicou-se à leitura de Marx, Sombart, Weber, Pareto e Durkheim queria, antes de mais nada, comparar suas interpretações do surgimento das estruturas e da história da sociedade capitalista. Em seguida, Parsons continuou a análise dos diferentes aspectos da sociedade contemporânea. Uma grande parte de sua obra compreende, como veremos adiante, um impressionante conjunto de análises de quase todos os aspectos da sociedade industrial moderna. Poderemos, aliás, esboçar as grandes linhas desta sociedade, tal como se depreendem dos artigos empíricos de Parsons. Ele mesmo notou que "é relativamente raro, pelo menos nos Estados Unidos, que os pesquisadores de ciências sociais apresentem sua análise e sua interpretação dos principais aspectos da sociedade global em que vivem. Dá-se o fato principalmente com sociólogos, ao contrário dos economistas que, nos últimos anos, têm feito tentativas notáveis para a explicação de suas sociedades"²². Parsons é precisamente um dos raros sociólogos americanos do após-guerra que não temeu ultrapassar os limites das res- tritas pesquisas empíricas para oferecer a um público maior os frutos de suas observações e de sua reflexão.

A terceira forma de empirismo que Parsons reivindica para si é talvez a mais extraordinária. Ao apresentar *The Structure of Social Action*, Parsons repete várias vezes que se serviu de um método empírico. Seu campo de observação não era nem uma cidade nem uma indústria em

particular e sim o pensamento de certo número de autores que tomava como um dado objetivo, do qual procurava destacar os temas principais para enfim sublinhar o que havia de comum, subjacente às diferenças facilmente observáveis. Adotando autores cujas vidas tinham sido completamente autônomas umas das outras, Parsons queria mostrar por esse modo, ainda com mais força, a convergência que pensava ter percebido nas suas análises dos fundamentos da sociedade, das relações entre a pessoa e a sociedade e nas suas definições da relação social. As obras de Durkheim, Weber, Pareto e Marshall eram assim para ele "fatos" que procurava relacionar, com a maior verdade possível, isto é, sem falsear o pensamento dos autores, e desejava em seguida interpretar ou reinterpretar segundo um novo quadro de pensamento, a teoria geral da ação que, a seu ver, correspondia à intenção profunda desses autores.

Diante de seus críticos Parsons podia sustentar que sua própria obra teórica se inspirava na tradição empírica americana, porque apresentava um caráter que ele chamou de "pragmático". No entanto, não se sabe ao certo se essa maneira de interpretar sua obra conseguiu convencer os que censuravam seu esoterismo.

5. OS FUNDAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS DA CIÊNCIA SOCIOLOGICA

Outro ponto que distingue Parsons de seus colegas sociólogos americanos dos períodos de entre e pós-guerra é o interesse que tem pelos problemas metodológicos e epistemológicos. Não considera, como os demais, que a sociologia tenha um objeto de estudo que possa conhecer e que lhe seja, de algum modo, assegurado ou garantido. Nitidamente influenciado por Max Weber, tanto na maneira de apresentar o problema como de resolvê-lo, faz indagações sobre as relações do sociólogo com seu objeto de estudo e sobre a validade do conhecimento sociológico. Mais precisamente Parsons levanta dois problemas metodológicos: as bases epistemológicas da sociologia enquanto disciplina científica e o papel dos valores no conhecimento sociológico. Acompanhemos Parsons nessas duas questões.

No que diz respeito à primeira, digamos logo que o fio condutor que se encontra do princípio ao fim de sua obra é, por certo, a fé em uma sociologia científica. Quanto a isto não hesita nem se contradiz jamais. A sociologia deve tornar-se uma ciência e impõe-se a tarefa de fazê-la ascender a esta *status*. Esta é, essencialmente, a vocação que atribuiu

à sua vida e à sua obra, e da qual nunca se afastou desde os seus primeiros estudos até os mais recentes.

Mas interessa definir o que Parsons entende por caráter científico da sociologia. Para começar, como já vimos, o empirismo radical é, a seus olhos, uma falsa ciência ou, ainda, uma ilusão científica, pois, na realidade, é o contrário do autêntico espírito científico. De qualquer modo, o empirismo radical não é possível; o conhecimento dos fatos implica a utilização de conceitos, categorias, classificações, quando não de uma teoria. É preciso, pois, denunciar os que pretendem retirar da leitura direta dos fatos um conhecimento tido como científico. Parsons vê nesse falso positivismo uma espécie de traição tanto da intenção como do procedimento científicos.

Para Parsons, a ciência é essencialmente "analítica", o que significa na sua linguagem que ela reconstrói a realidade por meio de símbolos conceituais que não se devem confundir com a realidade concreta. Os símbolos conceituais não são apenas meros reflexos do universo objetivo: são elaborados ao selecionarem na realidade certos traços, certos elementos que se tornam privilegiados servindo para estruturar a percepção e o conhecimento das coisas. A estrutura mental de que os símbolos facultam a construção nada mais é, por fim, senão um aspecto particular da realidade objetiva. E, portanto, não se deve exigir do conhecimento uma adequação perfeita entre a realidade objetiva e a estrutura conceitual, pois a segunda é uma construção mental que resulta, consciente ou inconscientemente, de uma operação analítica que consiste em escolher certos elementos e os privilegiar em detrimento de outros.

Por outro lado, este trabalho analítico não resulta senão em "ficções úteis", como Max Weber parece acreditar na sua construção dos tipos ideais. Parsons definiu sua posição epistemológica pelo que chama o *realismo analítico*²³. Por isto entende que se a representação mental não é um puro reflexo da realidade, já que é dela uma reconstrução, não é tampouco uma traição. Ela capta os aspectos da realidade de um modo eficaz, pois há sem cessar um vaivém entre o conceito e a realidade, de modo que a representação mental se ajusta sem cessar e por meio de retoques às imagens que a realidade lhe devolve. Este realismo analítico constitui a base epistemológica sobre a qual Talcott Parsons fundamenta a sua fé no conhecimento científico. Porque o conhecimento é analítico e porque esta análise corresponde a certos aspectos da realidade objetiva, o homem pode confiar no conhecimento cada vez menos aproximativo que elaborou.

Uma condição se impõe: o conhecimento que se chama científico, só tem validade na medida em que foi adquirido segundo os cânones do método científico. Estes, no decorrer dos últimos séculos, têm sido elaborados de maneira rigorosa. Provou-se e ainda diariamente se prova que apenas eles podem alcançar um conhecimento eficaz da realidade,

quer dizer, um conhecimento que se prova porque permite o controle, a manipulação e a previsão. Parsons acredita firmemente que a sociologia deve se construir pela aplicação rigorosa dos mesmos cânones e que é apenas por este meio que lhe é possível adquirir um *status* entre as disciplinas científicas. Nisto Parsons se opõe com igual firmeza a duas correntes de pensamento herdadas do século XIX e que, segundo ele, retardam o progresso científico da sociologia: o historicismo e o behaviorismo. A escola historicista, muito poderosa na Alemanha, considerava a ciência social como impossível, já que a história humana é feita de acontecimentos singulares e não repetitivos e que cada civilização é em si uma unidade irreduzível a qualquer outra, singular na sua estrutura, em seu espírito e, bem assim, na sua história. A própria ciência social tornava-se então história, pois que sua vocação era relatar e explicar o particular, sem esperar jamais formular qualquer generalização quer sob forma de lei, quer de teoria geral.

Subscrevendo a linha de pensamento de Max Weber, que tentou sair da dicotomia kantiana entre ciências da natureza e ciências do espírito, chegando a corrigir Weber que se manifestou um tanto inclinado para o historicismo, Talcott Parsons incumbiu-se de demonstrar a possibilidade e a necessidade de uma teoria geral para o conhecimento da sociedade e de sua história. É neste ponto que a obra de Parsons demonstra toda a sua ambição, já que deve ser no espírito de seu autor a elaboração de uma teoria geral cuja validade explicativa se estenda a todo o campo da ação humana. Por várias vezes opuseram a Parsons as chamadas teorias intermediárias (*theories of the middle range*), das quais Robert K. Merton foi o principal intérprete. Segundo este último, a sociologia ainda não está capacitada para a elaboração de uma teoria geral, mas é possível erigir teorias limitadas, válidas para certos setores da realidade social, por exemplo, uma teoria dos pequenos grupos, uma teoria das organizações sociais, uma teoria da comunicação. Parsons vê nestes excessos de timidez uma falta de confiança no procedimento científico, já que, para ele, as teorias intermediárias filiam-se necessariamente a uma teoria geral onde elas encontram o quadro conceitual de referência que lhes é essencial, que deve ser o mesmo para todas e que as deve relacionar umas às outras. Veremos quanto Parsons quis respeitar esta exigência, considerando a teoria sociológica como uma teoria particular que se inscreveria no quadro de uma teoria geral.

Talvez mais que qualquer outro sociólogo, Parsons portanto afirmou, por um lado, a mais radical oposição ao historicismo social e, por outro, as exigências teóricas resultantes do caráter rigorosamente científico que pretenda conquistar a ciência do homem.

Desta posição resulta para Parsons que não há solução de continuidade entre as ciências da natureza e as ciências do homem. Os mesmos cânones de método científico se aplicam tanto numas como noutras, por-

que todas se apoiavam igualmente sobre os mesmos postulados epistemológicos — o do realismo analítico. Esta unidade do conhecimento científico se exprime de um modo que se torna fundamental na obra de Parsons, isto é, a *universalidade da noção de sistema*. O único meio de reconstruir mentalmente de maneira conceitual e teórica a estrutura de qualquer realidade, seja ela qual for, é considerá-la como constituindo um sistema, no sentido mais estrito do termo. Vejamos rapidamente, por ora, que a noção de sistema implica para Parsons a interdependência dos elementos que formam um todo unido, no qual movimentos e mudanças não podem se processar de modo desordenado nem ao acaso, sendo fruto de uma interação complexa, da qual resultam estruturas e processos. Desde o começo de sua obra, Parsons afirma a necessidade da abordagem sistêmica no conhecimento científico; a sociologia e as outras ciências do homem progrediram na medida em que elaboraram uma percepção sistêmica do campo de realidade abraçado por cada uma. A noção está tão enraizada na obra teórica de Parsons, e foi objeto de tantos ataques, que será preciso discuti-la posteriormente. Por ora, basta ressaltar que a noção de sistema é, para Parsons, o eixo principal da análise científica e que, por conseguinte, não é possível que a sociologia a dispense.

Ao mesmo tempo em que afirma o caráter científico da sociologia, opõe-se a uma segunda definição das ciências do homem que, ao contrário do historicismo, privilegia exclusivamente o conhecimento objetivo e exterior da realidade. O behaviorismo é seu representante mais típico e Parsons faz questão de dele distanciar-se. Querer estudar o comportamento do homem só do exterior, nos gestos e sinais que oferece a um observador que procura nada ler além do que observa e registra, é negar todo um lado da realidade social que constitui um conjunto de fatos tão verdadeiros e tão reais quanto os que se podem observar do exterior. A motivação do sujeito que age, as idéias e imagens de que se inspira, os sentimentos que o animam, os ideais que persegue, as angústias e receios que o consomem são outros tantos elementos que é preciso fazer entrar em um modelo explicativo dos comportamentos observáveis.

Uma das primeiras contribuições de Parsons, sobretudo em *The Structure of Social Action*, foi a de fazer sobressair que na sua ação o homem se propõe metas, exprime vontades, obedece a motivações e que uma teoria geral da ação humana deve poder integrar todos estes elementos da realidade. Finalidade, vontade, motivação não se prestam mais à análise científica que os reflexos condicionados estudados por Pavlov. Basta para tanto reconhecer que o estudo da objetividade no objeto não é uma traição da objetividade no pesquisador. Em psicologia, o behaviorismo se tinha erigido em oposição a uma psicologia que confundia a subjetividade do sujeito-objeto e a subjetividade do sujeito-pesquisador, e acreditava que a introspecção era a única forma de exploração das profundezas subjetivas do ser psicológico. A partir do começo do século a

psicanálise demonstrou amplamente a validade de um conhecimento objetivo da subjetividade e a utilização terapêutica que dele se pode fazer.

Em verdade, os cânones do método científico nunca negaram a possibilidade de conhecer o interior da realidade observada. Se as ciências naturais mantiveram uma distinção radical entre subjetividade e objetividade, é porque seus objetos de estudo não têm subjetividade, ou, ainda, porque não é possível penetrá-lo, por exemplo, nos animais. Adotar para as ciências do homem a mesma distinção radical não é imitar as ciências da natureza, é, antes de tudo, não considerar a realidade tal qual é.

6. O PROBLEMA DOS VALORES EM SOCIOLOGIA

Foi partindo desta concepção do conhecimento científico que Parsons colocou e discutiu a questão das relações entre a sociologia e os valores, muito antes que o problema tivesse sido tão apaixonadamente debatido quanto é agora na sociologia americana. Para Parsons, que se inspira muito em Max Weber quanto a isto, existem relações complexas, fatos ao mesmo tempo de interdependência e interdependência entre a sociologia como disciplina científica e o universo dos valores do sociólogo²⁴.

Inicialmente, a pesquisa científica exige do pesquisador um compromisso com certos valores: os do universo científico definido com uma subcultura. Não se pode negar que o universo científico comporta uma ética particular à qual o pesquisador deve submeter sua ação enquanto pesquisador. Deve, por exemplo, aceitar a primazia da verdade e da honestidade intelectual na pesquisa. Deve ainda ser fiel a certos cânones do procedimento científico. A interiorização desta ética é um dos aspectos essenciais da formação do pesquisador e da institucionalização da ciência sob forma de associações ou de sociedades científicas e, bem assim, de laboratórios ou de centros de pesquisa. Esta moral do universo científico interiorizada e institucionalizada constitui o primeiro e principal fundamento da interdependência da pesquisa para com os outros valores da sociedade. O pesquisador deve aceitar em seu trabalho profissional dar prioridade aos valores do universo científico sobre os outros valores da sociedade. É isto que pode levar o estudioso, por exemplo, a abandonar sua nacionalidade ou até suas pesquisas para salvaguardar sua liberdade de pesquisador. Assim sendo, o fato de pertencer ao universo cultural da ciência cria certa distância mental entre o que a ele pertence e a sociedade. No caso das ciências sociais, esta distância é essencial, pois é sobre ela que se fundamenta a possibilidade de uma objetividade sem-

pre relativa porém sempre procurada, do pesquisador em relação à sua sociedade ou à sociedade que estuda.

Esta independência em relação aos valores da sociedade é sempre acompanhada, no entanto, de uma interdependência. A escolha dos problemas que interessam ao pesquisador — sobretudo o das ciências do homem — permanece sempre condicionada, ao mesmo tempo, pelos valores do pesquisador e pelos da sociedade de que faz parte. O cientista pertence a um período histórico dado, a uma civilização particular, a grupos de vários tipos que o moldam e pelos quais continua a se definir como cidadão e como pessoa humana. O pesquisador não pode romper todos os laços sociais e culturais que o prendem à sociedade e a certos grupos, nem se deve querer que os rompa, pois é, em geral, nesses laços que ele vai buscar os valores e as finalidades sobre os quais se apóiam a motivação e o interesse para as pesquisas que realiza.

Se os valores intervêm na seleção dos problemas, não devem ter nenhuma interferência na pesquisa em si. Deverá ser guiada apenas pelos cânones do método científico que o pesquisador se comprometeu a seguir. São eles que o protegem, embora nunca totalmente, da enorme influência de seus próprios julgamentos de valor sobre seus julgamentos de realidade. É deste modo que os cânones podem assegurar ao pesquisador uma relativa independência em relação aos valores sem, no entanto, impedir que os valores que lhe inspiraram tal pesquisa particular continuem a motivá-lo. Parsons acredita profundamente que a objetividade assim definida como uma espécie de distância mental entre o pesquisador e seu objeto é o próprio penhor do respeito que a ciência inspira na sociedade moderna e do crédito que lhe é concedido.

Este procedimento objetivo do pesquisador não exclui entretanto uma outra forma de interdependência com o universo dos valores, peculiar às ciências do homem. Já que o objetivo de estudo são pessoas humanas, a participação com os valores dos grupos estudados é essencial. Neste sentido é que Parsons vê na *Verstehen* de Max Weber uma forma de comunicação: o pesquisador deve partilhar dos próprios sentimentos de seus sujeitos-objetos, se quiser compreender e explicar suas ações e suas motivações. Mas, como insiste Parsons, a participação deve ser limitada: limitada primeiro porque a comunicação pode se estabelecer a partir de certos valores sem que o pesquisador precise se comunicar com toda a cultura, nem participar de toda a sociedade; limitada, ainda, porque a participação do pesquisador no universo cultural da ciência obriga-o a guardar uma distância mental para com os valores de que participa e pelos quais se comunica.

Vemos portanto que Parsons não nega uma certa importância aos valores sociais na pesquisa científica, particularmente nas ciências do homem. Mas coloca no ponto de partida o postulado da existência de um universo cultural da ciência que isola o pesquisador, separa-o dos outros

e singulariza sua vocação. De acordo com Parsons, o sociólogo não deve deixar-se absorver inteiramente pela cultura da sua sociedade porque deve sempre conservar, no seu universo mental, o lugar necessário à subcultura da ciência: este desdobramento é o preço que o sociólogo paga para aspirar ao título de pesquisador científico. Apesar de imerso em uma civilização e em uma história, o sociólogo pertence ao mesmo tempo a uma subcultura que lhe impõe regras de pensamento, procedimentos intelectuais e valores que acarretam nele uma certa reserva, uma espécie de individualidade que o particulariza.

Este particularismo do cientista é o fundamento da objetividade, mesmo relativa, que procura; é também a fonte da credibilidade que lhe é concedida. Mas este *status* é merecido por uma sublimação à qual o homem de ciência aceita submeter seus pensamentos e sua vida pessoal. Para Parsons, a ciência é uma vocação, no sentido mais verdadeiro do termo, e pode-se dizer que Parsons pela sua vida inteira quis prestar testemunho desta vocação e ser-lhe fiel.

NOTAS

1. Parsons redigiu sua autobiografia e salientou as grandes linhas de seu itinerário intelectual em "On Building Social System Theory: A Personal History", *Daedalus*, 99 (outono de 1970), 4, pp. 826-881.
2. "Capitalism in Recent German Literature: Sombart and Weber", *Journal of Political Economy*, 36 (1928), pp. 641-661 e 37 (1929), 31-51.
3. Parsons explica o sentido e o alcance dessa experiência para o ensino e a pesquisa em ciências humanas, no artigo "Graduate Training in Social Relations at Harvard", *Journal of General Education*, 5 (1951), pp. 149-151. Essa inovação, porém, não se propagou como esperavam Parsons e seus colaboradores.
4. Apresenta um relatório da visita à Rússia no seu artigo: "An American Impression of Sociology in the Soviet Union", *American Sociological Review*, 30 (fevereiro, 1965), I, pp. 121-125.
5. "Wants and Activities in Marshall", *Quarterly Journal of Economics*, 46 (1931-1932), pp. 101-141 e "Economics and Sociology: Marshall in Relation to the Thought of His Time", *Quarterly Journal of Economics*, 46 (1931-1932), pp. 316-347.
6. L.J. Henderson, *Pareto's General Sociology: A Physiologist's Interpretation*, Cambridge, Harvard University Press, 1935. Ver também L.J. Henderson on *the Social System*, publicado sob a direção de Bernard Barber, Chicago, Chicago University Press, 1970.

7. Talcott Parsons, "Pareto", em *Encyclopedia of the Social Sciences*, 1933, vol. II, pp. 576-578; "Pareto's Central Analytical Scheme", *Journal of Social Philosophy*, I (abril, 1936), 3, pp. 244-262.
8. *On Building Social System Theory: A Personal History*, p. 828.
9. Ver particularmente Talcott Parsons, "Durkheim's Contribution to the Theory of Integration of Social Systems", em *Sociological Theory and Modern Society*, cap. 1.
10. Sobre a Escola de Chicago e o papel nela desempenhado por Robert E. Park e Ernest W. Burgess, consulte-se principalmente o estudo de Robert E. L. Faris, *Chicago Sociology*, São Francisco, Chandler Publishing Company, 1967.
11. R. E. Park, *Race and Culture*, Glencoe, Ill., The Free Press, 1950; W. I. Thomas e F. Znamiecki, *The Polish Peasant in Europe and America* (5 vols.), Boston, Richard D. Badger, 1920; Louis Wirth, *The Ghetto*, Chicago, University of Chicago Press, 1928; F. E. Frazier, *The Negro Family in United States*, Chicago, University of Chicago Press, 1939; Everett C. e Helen M. Hughes, *Where People Meet: Racial and Ethnic Frontiers*, Glencoe, Ill., The Free Press, 1952.
12. E. H. Sutherland, *The Professional Thief*, Chicago, University of Chicago Press, 1937, e *White Collar Crime*, Nova Iorque, Dryden, 1949; F. M. Thrasher, *The Gang*, Chicago, University of Chicago Press, 2.ª ed., 1936; R. E. L. Faris e H. W. Dunham, *Mental Disorders in Urban Areas*, Chicago, University of Chicago Press, 1939; C. R. Shaw e H. D. McKay, *Social Factors in Juvenile Delinquency*, Washington, U.S. Printing Office, 1939, e *Juvenile Delinquency in Urban Areas*, Chicago, University of Chicago Press, 1942.
13. O conjunto dos cinco volumes geralmente conhecidos como *Yankee City Series* foi condensado pelo próprio Warner num trabalho intitulado *Yankee City*, Nova Iorque, Yale University Press, 1936.
14. Robert S. Lind e Helen M. Lind, *Middletown, A Study in American Culture*, Nova Iorque, Harcourt, Brace and World, 1929, seguido de *Middletown in Transition. A Study in Cultural Conflicts*, mesmo autor, 1937.
15. A. Davis, Burleigh e Mary Gardner, *Deep South*, Chicago, University of Chicago Press, 1941.
16. James West, *Plainville, USA*, Nova Iorque, Columbia University Press, 1945.
17. William Foote Whyte, *Street Corner Society*, Chicago, University of Chicago Press, 1943.
18. Talcott Parsons, "Cooley and the Problem of Internalization", em *Cooley and Sociological Analysis*, publicado sob a direção de A. J. Reiss Jr., Ann Arbor, University of Michigan Press, 1968, p. 48.
19. W. I. Thomas, *On Social Organization and Social Personality: Selected Papers*, apresentação de Morris Janowitz, Chicago, University of Chicago Press, 1970; C. H. Cooley, *Human Nature and the Social Order*, Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1902; G. H. Mead, *Mind, Self and Society*, Chicago, University of Chicago Press, 1934, traduzido para o francês por J. Cazeneuve sob o título de *L'Esprit, le Soi et la Société*, Paris, Presses Universitaires de France, 1963.
20. Uma parte da obra de Simmel foi traduzida para o inglês por K. H. Wolff em *The Sociology of George Simmel*, Glencoe, Illinois, The Free Press, 1950. Na sua introdução há uma lista dos trabalhos de Simmel traduzidos para o inglês e também uma bibliografia de estudos americanos sobre Simmel.
21. Guy Perrin afirmou ser "difícil conceber uma apresentação mais clara e mais precisa das engrenagens essenciais ao funcionamento do mecanismo paretiano" do que a feita por Parsons (*Sociologie de Pareto*, Paris, Presses Universitaires de France, 1966, p. 4).
22. Talcott Parsons, "Distribution of Power in American Society", em *Politics and Social Structure*, p. 185.
23. Ver, em particular, a esse respeito, *The Structure of Social Action*, cap. XIX, principalmente pp. 728 a 731.
24. Parsons explicou-se sobre o assunto principalmente em seu artigo "Evaluation and Objectivity in Social Science: An Interpretation of Max Weber's Contributions", em *Sociological Theory and Modern Society*, cap. 3.